

***Psychomachia: o combate espiritual nos sermonários de St.
António de Lisboa e de Fr. Paio de Coimbra***

Beatriz Alves Caldeira

Universidade de Lisboa - Centro de História

Resumo: A ideia de guerra espiritual instituiu-se, a partir dos primeiros séculos da Antiguidade Tardia, e ao longo de toda a Idade Média, como um tema verdadeiramente estruturante da espiritualidade ocidental, cristalizado sobretudo numa imagética militar que perpassou toda a literatura cristã coeva, e de um modo especial a *Psicomaquia* de Prudêncio. O célebre poema clássico do século IV, em que se vêem representadas em tons épicos as lutas alegóricas travadas na alma do cristão entre as virtudes e os vícios, entre o Bem e o Mal, converter-se-ia no arquétipo da noção de combate espiritual, dando origem a um dos temas mais populares e recorrentes na arte e na literatura do medievo. Esta dissertação de mestrado pretende contribuir para aprofundar o conhecimento do imaginário da guerra no ocidente medieval, a partir da análise das representações bélicas consubstanciadas em duas importantes obras literárias da primeira metade do século XIII, reconhecidas como exemplares ímpares do género parenético em Portugal na Idade Média, designadamente os *Sermones Dominicales et Festivi* do franciscano St. António de Lisboa (e de Pádua), e a *Summa Sermonum* do dominicano Fr. Paio de Coimbra. Enquadrando a imagética militar identificável nos dois sermonários na longa tradição literária psicomáquica, procura-se neste estudo averiguar o motivo pelo qual os dois pregadores portugueses se voltaram com admirável frequência para a guerra enquanto fonte de metáforas e de lições morais, através da análise comparativa da génese e receção destes constructos bélicos, mais especificamente, do exame dos padrões ideológicos, simbólicos e emocionais que encerram, e da sua dimensão retórica, enquanto veículos de comunicação.

Palavras-chave: Psicomaquia; Literatura parenética; St. António de Lisboa; Fr. Paio de Coimbra

Abstract: From the first centuries of Late Antiquity, and throughout Middle Ages, the idea of spiritual warfare established itself as a truly structuring theme of Western spirituality, above all crystallized in a military imagery transversal to all Christian literature of the time, and in a special way Prudentius' *Psychomachia*. The famous 4th century classic poem, in which the allegorical struggles between Virtues and Vices, Good and Evil, fought within Christian soul, are represented in epic tones, would soon become the archetype of the spiritual combat notion, therefore originating one of the most popular and recurrent themes in medieval art and literature. This dissertation

intends to contribute to the deepening of the knowledge on war imaginary in the medieval West, based on the analysis of the depictions of war embodied in two important literary works from the first half of the 13th century, recognized as unique specimens of the parenetic genre in the period, namely *Sermones Dominicales et Festivi*, attributed to the franciscan St. Anthony of Lisbon (and of Padua), and *Summa Sermonum de Festivitatibus* by the dominican Fr. Paio of Coimbra. Framing the military imagery identifiable in the two sermonaries in the long psychomachic literary tradition, this study seeks to ascertain why the two portuguese preachers resorted with admirable frequency to war as a source of metaphors and moral lessons, through the comparative analysis of these warlike constructs genesis and reception, more precisely, of the ideological, symbolic and emotional patterns they contain, and their rhetorical dimension as communication vehicles.

Keywords: Psychomachia; Parenetic literature; St. Anthony of Lisbon; Fr. Paio of Coimbra

1. Introdução

A guerra acompanhou, desde tempos imemoriais, o percurso do Homem na história. Como tal, e à semelhança de outras práticas públicas e coletivas ancestrais, também ela não pôde deixar de enraizar-se como um elemento estruturante do imaginário humano, de que a representação se afigura como uma componente determinante, sintetizadora, segundo Jacques Le Goff, de “todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior apreendida”¹. No que concerne às representações da Idade Média, o elevado quantitativo de constructos bélicos do período que subsistem até à atualidade por todo o ocidente europeu, surge como uma prova indelével do impacto decisivo do fenómeno militar sobre a evolução das sociedades medievais. Neste sentido, justifica-se a recuperação das palavras elucidativas de Philippe Contamine: “o imaginário medieval vivia com obsessões pela guerra, como sugere a recorrência, século após século, de idênticos e perenes simbólicos”².

Enquanto repositório privilegiado para o estudo do imaginário, de uma forma geral, a literatura produzida na Cristandade ao longo da Idade Média confere perspectivas singulares também no que concerne à mundividência dos homens medievais face à guerra, tema verdadeiramente recorrente e transversal à totalidade dos géneros

¹ Jacques Le Goff, *O imaginário medieval*, trad. Manuel Ruas (Lisboa: Editorial Estampa, 1994), 11-2.

² Philippe Contamine, *War in the Middle Ages*, trad. Michael Jones (Oxford: Blackwell Publishing, 1984), 13.

literários em coexistência no período, desde novelas de cavalaria, a poesia épica e lírica, a crónicas e escritos religiosos, como as hagiografias. Todas estas formas, acrescidas de tantas outras que ultrapassam as fronteiras do que se entende convencionalmente por “literário”, marcaram o panorama de produção escrita do reino de Portugal a partir de um período tão recuado como o que remonta aos séculos fundacionais da nacionalidade, não tendo ficado à margem deste amplo rol de produções obras identificáveis com um dos géneros que, em virtude das suas propriedades comunicativas, das suas funcionalidades eminentemente ético-moralizantes, didáticas e persuasivas, e das próprias vicissitudes do contexto histórico, se viu dado a maior popularidade ao longo do medievo: a prédica.

2. Questão central

O presente estudo partiu da aspiração marcadamente ambiciosa de estudar numa perspetiva multidimensional a imagética da guerra num amplo *corpus* de textos editados, compreendendo numerosas peças literárias em latim e língua vulgar, produzidas por letrados portugueses ou em circulação no reino de Portugal, ao longo dos séculos XII e XIII. O levantamento dos textos foi realizado, mas a inexequibilidade do estudo no tempo determinado para o efeito, com o rigor científico e metodológico que se exige a uma investigação deste fôlego – em especial no que concerne à necessária consideração da especificidade de cada género literário e do corpo de estudos aprioristicamente desenvolvidos sobre cada peça – depressa se tornou evidente, tal a amplitude e diversidade de fontes identificadas. Perante esta impossibilidade, prontamente sublinhada, tanto pelo orientador da dissertação, o Professor Doutor Armando Norte, com quem foi discutida incontáveis vezes a questão, como pela Professora Doutora Joana Gomes, de quem o projeto original, que recebeu o título de *Ler a guerra: representações da guerra na literatura portuguesa medieval (séc. XII-XIII)*, teve o privilégio de merecer o comentário no WEM, impôs-se uma delimitação mais rigorosa do núcleo de textos a considerar, sem que se comprometesse a originalidade da proposta de investigação inicial, *grosso modo* contida nas abordagens menos convencionais que se projectavam na aproximação ao tema.

Esta limitação implicou, desde logo, o abandono da referida pretensão totalizadora, e passou pela restrição do estudo das representações bélicas a um género literário específico, mais concretamente a duas importantes obras parenéticas do século XIII, que têm vindo a ser reconhecidas como testemunhos bem representativos da

sermonária medieval portuguesa, designadamente, os *Sermones Dominicales et Festivi*, uma coleção de 77 homilias atribuídas ao célebre franciscano e taumaturgo português, St. António de Lisboa (c. 1190-1231), e a chamada *Summa Sermonum de Festivitatibus*, um *corpus* formado por mais de quatro centenas de panegíricos da autoria do dominicano Fr. Paio de Coimbra (c. 1195-1249), primeiro prior do convento da Ordem dos Pregadores naquela cidade, fundado cerca de uma década após a entrada da Ordem dos Frades Menores (*Ordo Fratrum Minorum*) e da Ordem dos Pregadores (*Ordo Praedicatorum*) no reino de Portugal (1217).

Ambas as ordens seriam aprovadas no início do século XIII pelo grande pontífice teocrático, Inocêncio III (c. 1160/1198-1216), cujo programa reformista se estendeu a múltiplas vertentes da sociedade Cristã, manifestando-se também ao nível da abertura moderada da Igreja a novas formas de vida religiosa pauperístico-evangélicas, em resposta às aspirações que à época se faziam sentir, sobretudo entre os leigos, de vivência de uma religiosidade mais autêntica. A ineficácia demonstrada pelo clero secular e regular em atender a estes novos anseios espirituais encontrar-se-ia, como é sabido, na base da permeabilidade observável a partir de finais do século XII em relação às heresias, especialmente em meios urbanos. Tendo abalado profundamente, e a vários níveis, a sociedade medieval ducentista, a actividade apostólica itinerante, o zelo religioso e a missão evangelizadora na linha de ação das novas ordens mendicantes, revelar-se-iam verdadeiramente determinantes no âmbito do combate teológico travado pela Igreja, quer contra os referidos movimentos heréticos surgidos na Cristandade a partir da primeira metade de Undecentos, quer ainda a uma escala mais localizada, atinente ao contexto das relações inter-religiosas prevalecentes entre Cristãos, Muçulmanos e Judeus na Península Ibérica, onde os mendicantes desempenharam igualmente uma função preponderante na apologia do Cristianismo, e encontraram, desde a primeira hora, plena convergência de propósitos face aos programas políticos “reconquistadores”³ das monarquias ibéricas.

³ Empregamos aqui o conceito de “reconquista” bem cientes das problemáticas que lhe são inerentes, pretendendo através dele aludir somente para o processo de recuperação do território hispânico e de restauração do poder cristão face aos muçulmanos na Península Ibérica. Para o debate em torno da pertinência da sua utilização em contexto historiográfico ver Francisco García Fitz, “Crítica e hipercrítica en torno al concepto de Reconquista. Una aproximación a la historiografía reciente,” in *La Reconquista. Ideología e justificación de la Guerra Santa peninsular*, ed. Carlos de Ayala Martínez, Isabel Ferreira Fernandes e J. Santiago Palacios Ontalva (Madrid: La Ergástula, 2019), 79–98; e ainda Luís Filipe Oliveira, “Da Reconquista e da Cruzada na fronteira portuguesa,” in *La Reconquista. Ideología e justificación de la Guerra Santa peninsular*, eds. Carlos de Ayala Martínez, Isabel Ferreira Fernandes e J. Santiago Palacios Ontalva (Madrid: La Ergástula, 2019), 123–140.

Este proselitismo sustentado por *menoritas* e pregadores face a hereges e infiéis, instituiu-se como o principal *dínamo* para a composição dos sermonários de Sto. António e Fr. Paio, destinados ao combate evangélico dos desvios à fé e à ortodoxia católicas por intermédio da formação de religiosos das duas ordens no *munus praedicandi*. Mais relevante para o assunto de que nos ocupamos em particular, foi o facto de o antagonismo consubstanciado nas homilias, e de a assertividade dos dois mendicantes na transmissão de mensagens moralizantes de exortação à luta contra os vícios que manchavam a conduta dos religiosos, se terem revelado suscetíveis à incorporação de motivos evocativos da guerra, extraídos de diversas fontes, e à construção de alegorias envolvendo pregadores guerreiros, exércitos de demónios, Igrejas e conventos debaixo de cerco, espadas espirituais, enfim, imagética indissociável da noção de combate espiritual, guerra interior, ou *Psicomaquia*, um dos temas mais antigos da espiritualidade ocidental.

O objetivo central deste estudo passa precisamente por contribuir para o aprofundamento do conhecimento já reunido em torno do imaginário da guerra na Idade Média, através da identificação e da análise destes temas bélicos invocados enquanto *exempla* nas vastas obras *parenéticas* dos dois mendicantes, um *filão* relevante, ainda que parcamente estudado nas peças em questão. Acresce igualmente, como referido inicialmente, a intenção considerar a problemática a partir de um conjunto relativamente diverso de *espetros de observação*, por norma menos convencionais no panorama *historiográfico* português, inscritos respetivamente no domínio da história da comunicação, da história simbólica e da história das emoções.

Constituem-se assim como objetivos específicos, (i) a avaliação quantitativa e qualitativa das fontes em que se apoiaram os dois pregadores para a extração dos *exempla* bélicos incorporados nas suas *prédicas*, as razões dessas preferências, e a averiguação da acessibilidade a essas obras nos núcleos *bibliográficos* das principais *livrarias monásticas* portuguesas do período; (ii) a análise dos *constructos* bélicos enquanto *veículos de comunicação*, ou seja, da perspectiva da sua *recepção* por parte das *audiências* a que se viram originalmente adaptadas as obras, pertencentes a um género de reconhecida importância graças às suas propriedades *persuasivas* e *oral-auditivas*, tanto mais decisivas quando inscritas em sociedades da oralidade, como eram as *medievais*; (iii) o exame das *manifestações ideológicas* veiculadas através desses *constructos*; (iv) a apreciação do lugar ocupado pela *leitura simbólica* ou *alegórica* dos *exempla* bélicos, tendo em conta o *esquema quadriforme* da *exegese medieval*, bem como a identificação

dos códigos simbólicos patentes nas figuras dos guerreiros, do armamento, dos espaços em que se desenrolam os conflitos, das irrupções do maravilhoso, etc.; (v) e finalmente, a análise das emoções expressas (louvadas ou desincentivadas) por intermédio da alusão a essa imagética nos sermões, historiograficamente entendidos enquanto manifestações literárias privilegiadas para o estudo dos sentimentos em contexto religioso.

3. Questões metodológicas

No âmbito das metodologias privilegiar-se-á uma abordagem qualitativa, assente na análise textual e comparativa dos motivos bélicos consubstanciados nos *Sermones* e na *Summa Sermonum*. A contemporaneidade de St. António e de Fr. Paio, a familiaridade de ambos com as particularidades do contexto peninsular, a circunstância de terem conservado relações estreitas com o mosteiro regente de Santa Cruz de Coimbra, onde se proporcionava no período o acesso a uma das maiores livrarias monásticas da Cristandade (facto comprovado da vida do menorita, e deduzido em relação ao dominicano), e ainda a sua bem conhecida adesão à mensagem mendicante, na sequência da entrada dos franciscanos e dos dominicanos no reino de Portugal, constituem apenas alguns dos fatores de peso que motivam e justificam a referida abordagem comparativa, no sentido de averiguar como as semelhanças, mas também as especificidades dos percursos dos dois pregadores se refletiram na forma e nos conteúdos dos sermonários que compõem, em especial no que concerne à questão específica da imagética bélica que encerram.

A mencionada pretensão de analisar as representações da guerra à luz da comunicação, da simbólica e das emoções, impõe também como requisito metodológico obrigatório a consideração das abordagens convencionalmente adoptadas no seio de cada um destes três domínios historiográficos. No sentido de facilitar este processo analítico, idealizou-se um quadro sinóptico (cuja estrutura preliminar se apresenta em anexo), no qual se reúnem os constructos bélicos, o que para além de resolver o problema da sua dispersão, permitindo conferir uma visão de conjunto face à questão, possibilitará igualmente a sua confrontação de forma mais imediata nas duas obras em apreço.

Por sua vez, houve igualmente a preocupação de conduzir a investigação com base nas mais recentes e completas edições críticas, quer dos *Sermones* do menorita, quer da *Summa Sermonum* do dominicano. Os primeiros, conservados num total de 18 manuscritos datados do período compreendido entre os séculos XIII a XV,

amplamente dispersos pelas regiões do centro de Itália, sudeste da Alemanha, e norte da Áustria e de França,⁴ foram e continuam a ser objeto de múltiplas edições desde a sua primeira edição crítica integral, levada a cabo por António Maria Locatelli, e impressa em Pádua entre 1895 e 1913⁵. Considerada de alto valor crítico por parte da maioria dos antonianistas, a edição locatelliana providenciaria a base para a primeira tradução da totalidade dos sermões do menorita para italiano, por Carlos Varotto, em 1963-65, e, poucos anos depois, em 1970, também para português, por Henrique Pinto Rema⁶. O presente estudo será desenvolvido justamente com base na segunda edição desta obra, publicada em 1987, com numerosas emendas face à primeira⁷.

Menos atenção editorial receberam até hoje, por sua vez, os sermões de Fr. Paio de Coimbra. Esta circunstância deveu-se, em parte, ao facto de a obra do dominicano português ter permanecido oculta até meados do século passado, mais especificamente até 1947, ano em que o franciscano Frei José Montalverne identificou a única cópia até ao momento conhecida da *Summa Sermonum*, conservada num dos códices da livraria abacial de Sta. Maria de Alcobaça, e lhe consagrou algumas páginas no seu estudo sobre a Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos da abadia alcobacense⁸. O manuscrito em que se conservou a *Summa* seria divulgado em meio académico graças a um estudo primacial publicado em 1973 por Mário Martins, intitulado “O sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5 / CXXX”, onde se anunciava já a premência de uma edição crítica das 406 prédicas do dominicano⁹. Contudo, porque os primeiros esforços direccionados a trazer a público a obra não foram além de edições parciais,¹⁰ ou de transcrições,¹¹ teria de se aguardar até 2010 por um trabalho editorial integral, concretizado, por fim, na tese de Doutoramento em filosofia medieval de Bernardino da Costa Marques¹². O presente estudo assentará precisamente nesta

⁴ José Francisco Meirinhos, “S. António de Lisboa, escritor. A tradição dos Sermones: manuscritos, edições e textos espúrios”, *Mediaevalia*, 11-12 (1997): 167.

⁵ *Ibid.*, 170.

⁶ *Ibid.*, 171-173.

⁷ Henrique Pinto Rema, *Santo António de Lisboa, Obras Completas*, ed. e trad. Henrique Pinto Rema (Porto: Lello & Irmão, 1987).

⁸ Frei Montalverne, “A Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos do Mosteiro de Alcobaça”, *Colectânea de Estudos* 3 (1947): 129-133.

⁹ Mário Martins, “O sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5”, *Didaskalia*, 3 (1973): 340.

¹⁰ John G. Tuthill, “The sermons of Brother Paio: thirteenth century Dominican preacher, (Sermons in latin text)” (PhD thesis, University of California, 1982).

¹¹ Os sermões encontram-se transcritos em Bernardino Marques, “Sermonário de Frei Paio de Coimbra. Edição e interpretação da estrutura e formas de pregação” (dissertação de mestrado, Universidade do Porto, 1994).

¹² O texto em latim do sermonário encontra-se editado por Bernardino Marques, “Mundividência

edição em latim do sermônário do dominicano, a única até ao momento a englobar a totalidade dos 406 sermões.

4. Enquadramento historiográfico

Não obstante as suas falhas, a primeira edição portuguesa do sermônário antoniano por Henrique Pinto Rema, aliada à sublimação de St. António enquanto Doutor da Igreja, em 1946, muito contribuíram para a explosão de estudos centrados no franciscano, que se verificou a partir da segunda metade do século XX em panorama historiográfico português. O avultado número de autores que se dedicaram, a uma escala internacional, ao estudo da vida e da obra do menorita torna aqui evidentemente impossível e, porventura, escusável a sua enumeração exaustiva. Não deixa, ainda assim, de se justificar o realce de alguns dos mais importantes contributos registados no âmbito da historiografia nacional, com destaque para os incontornáveis estudos de Fernando Félix Lopes, autor de uma das primeiras e mais completas biografias antonianas,¹³ bem como para os trabalhos de Francisco da Gama Caeiro, que permanece até ao momento como o maior especialista no sermônário do Santo, tendo somado à sua obra de referência sobre os *Sermões*,¹⁴ um conjunto de estudos mais particulares, integrados em obras coletivas e revistas¹⁵. Destaque ainda, neste sentido, para os trabalhos de Agostinho Figueiredo Frias,¹⁶ de Maria Cândida Pacheco,¹⁷ de Maria de Lourdes Sirgado Ganho,¹⁸ e de José Francisco Meirinhos¹⁹.

Para além destes estudos pioneiros, igualmente determinantes para o avanço do

cristã no sermônário de Frei Paio de Coimbra” (tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, 2011).

¹³ Fernando Félix Lopes, *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico* (Braga: Missões Franciscanas, 1954); *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico* (Braga: D. Franciscana, 1992).

¹⁴ Francisco da Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa*, 2 vols. (Lisboa: Imprensa Nacional-Cada da Moeda, 1995).

¹⁵ Francisco da Gama Caeiro, “Natureza e símbolo em Santo António de Lisboa”, *Revista da Faculdade de Letras* 8 (1964): 75-82; “Santo António de Lisboa e o Cântico dos Cânticos”, *Revista da Faculdade de Letras* 8 (1964): 207-239; “Lembranças de Portugal na obra de Santo António”, *Brotéria* 80 (1965): 726-732; “Fontes portuguesas da formação cultural do Santo”, *Itinerarium* 27 (1981): 136-164; “Hermenêutica e conhecimento em Santo António de Lisboa”, *Cultura Portuguesa* 1 (1981): 11-15; “Ensino e pregação teológica em Portugal na Idade Média: algumas observações”, *Revista Española de Teología* 44 (1984): 113-135.

¹⁶ Agostinho Figueiredo Frias, *Lettura ermeneutica dei «sermões» di sant’Antonio di Padova. Introduzione alle radici culturali del pensiero antoniano* (Pádua: Centro Studi Antoniani, 1995).

¹⁷ Maria Cândida Pacheco, *Santo António de Lisboa. Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997).

¹⁸ Maria de Lourdes Sigardo Ganho, *O essencial sobre Santo António de Lisboa* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007).

¹⁹ José Francisco Meirinhos, “Da gnosiologia à moral pragmática da pregação em S. António de Lisboa”, *Mediaevalia* 2 (1992): 69-90; José Francisco Meirinhos, “S. António de Lisboa, escritor. A tradição dos Sermões: manuscritos, edições e textos espúrios”, *Mediaevalia*, 11-12 (1997): 167.

conhecimento sobre as múltiplas facetas do homem e da obra foram as numerosas publicações associadas à celebração de centenários e de aniversários da vida do Santo, como os estudos resultantes do **Colóquio Antoniano**, realizado em 1982, no âmbito das celebrações do 750.º aniversário da morte de Santo António de Lisboa,²⁰ e sobretudo os ensaios das atas do **Congresso Internacional Pensamento e Testemunho**, decorrido em 1996, por ocasião das comemorações do 8.º Centenário do nascimento do Santo, que juntou especialistas de várias instituições portuguesas e internacionais²¹. O resultado foi a produção de um sólido corpo de estudos publicado em dois volumes, englobando colaborações de grande importância sobre diversas temáticas antonianas, tais como as fontes do pensamento do taumaturgo; a estrutura e funções do sermão antoniano; os seus processos exegéticos e hermenêuticos; a fundamentação filosófica, teológica, espiritual e mística do pensamento do menorita; e a projeção da sua figura, tanto no contexto específico do franciscanismo medieval, como noutros cenários mais gerais, nomeadamente na hagiografia, na pastoral, na eclesiologia, na mariologia, na história da piedade popular, na liturgia, na missionologia, na evangelização e na etnologia, assim como na arte e na iconografia, desde a Idade Média até ao período contemporâneo. Merecem igualmente menção os artigos resultantes do **Simpósio Internacional Antoniano**, decorrido em 2016, dentro do espírito comemorativista dos 70 anos da elevação de St. António a Doutor da Igreja²². A publicação dos estudos foi assegurada pela Editorial Franciscana, e englobou contributos que, embora maioritariamente incidentes sobre a vida do menorita, não deixaram igualmente de abordar o seu sermonário, mais concretamente a questão do pensamento e do conceito de paz em St. António, bem como da simbólica da natureza e da importância da Glosa Ordinária nos **Sermones**, temáticas associadas, no seu conjunto, à dimensão erudita do Santo, que começou a ser objeto de estudo aprofundado e sistemático por parte dos medievalistas apenas a partir de meados do século XX.

E foi justamente por meados da centúria passada, num momento em que as investigações sobre a faceta intelectual de St. António sofriam, portanto, um impulso renovado, em consequência da elevação do menorita a Doutor da Igreja (1946), que o

²⁰ *Colóquio Antoniano* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982).

²¹ *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António. Atas* (25-30 de Setembro) (Braga: Universidade Católica Portuguesa-Família Franciscana Portuguesa, 1996).

²² *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, ed. Gonçalo José Gomes Figueiredo (Lisboa: Editorial Franciscana, 2017).

franciscano Fr. José Montalverne identificou o sermônário de Fr. Paio de Coimbra na livraria de Sta. Maria de Alcobaça (1947), o que muito terá contribuído para o interesse desde logo demonstrado pelos antonianistas em relação à obra de um contemporâneo do Santo. De facto, apesar da publicação tardia, e do menor quantitativo de estudos que mereceu em comparação com a obra de St. António, o sermônário de Fr. Paio esteve também longe de passar à margem do interesse dos medievalistas. Pelo contrário, logo em 1975, após o referido artigo inicial publicado em 1973 por Mário Martins – “O sermônário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5 / CXXX”²³ – em que se realizou o estudo codicológico da obra do dominicano, se procedeu à identificação da tipologia dos sermões nela contidos, se avançou uma primeira hipótese sobre a sua funcionalidade, se expuseram dados de grande importância sobre o autor e a forma como o seu peninsularismo se refletiu nalgumas temáticas dos panegíricos, e se disponibilizou uma lista completa das prédicas e das festas a que se destinavam, o mesmo autor publicou uma obra particularmente importante, intitulada *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*²⁴. Nela explorava alguma imagética observável em várias produções literárias latinas e vernaculares portuguesas, de entre as quais os *Sermones* de St. António de Lisboa e a *Summa* de Fr. Paio de Coimbra. Consagrando a cada sermônário um capítulo, Mário Martins logrou identificar temas semelhantes, que pareciam repetir-se nas duas peças, nomeadamente símbolos e alegorias envolvendo cidades fortificadas e castelos, cavaleiros e quadrigas. Para além da exposição e da análise desta imagética, particularmente importante para o assunto de que aqui nos ocupamos, foi o capítulo dedicado na mesma obra ao tema da Psicomaquia ou combate espiritual, que o medievalista abordou a partir da análise de um conjunto de peças literárias, compreendendo um catecismo em português do século XIV – o chamado *Livro das confissões* de Martim Pérez – as traduções portuguesas do *Libro de Buen Amor* e do *Livro da Vida Solitária*, a vasta alegoria *Boosco Deleitoso*, de finais do século XIV, e inclusivamente o sermônário de Frei Paio de Coimbra. Muita da imagética consubstanciada nas prédicas de St. António e de Fr. Paio que constituiu objeto de análise neste estudo de 1975, seria posteriormente recuperada, sem grandes desenvolvimentos adicionais n’*A Bíblia na*

²³ Mário Martins, “O sermônário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc 5”, *Didaskalia*, 3 (1973): 340.

²⁴ Mário Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa* (Lisboa: Edições Brotéria, 1980).

Literatura Medieval Portuguesa, uma obra publicada pelo mesmo autor em 1979²⁵.

Além dos incontornáveis trabalhos de Mário Martins sobre o sermônário de Fr. Paio que, como referido, não só contaram com uma dimensão eminentemente comparativa face à obra de St. António, como tocaram o tema específico da imagética bélica, encerrando, como tal, especial interesse para este estudo, devem também destacar-se os trabalhos subsequentemente desenvolvidos pelo medievalista norte-americano, John G. Tuthill, que editou parte das prédicas do dominicano na sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de Berkeley, e foi o responsável pelo primeiro estudo de grande fôlego sobre o sermônário²⁶. Tuthill afluou temas explorados em maior profundidade nos seus artigos dedicados à mariologia na *Summa*,²⁷ à estrutura erudita dos seus sermões,²⁸ bem como ao seu autor, pensamento e temáticas doutrinárias, questão abordada em detalhe num ensaio publicado nas *Actas do II Encontro de História Dominicana*²⁹. Deste importante encontro, decorrido no Porto, em 1984, resultariam ainda mais dois contributos fundamentais para o aprofundamento do conhecimento sobre o sermônário do dominicano conimbricense, o primeiro dos quais da autoria de Klaus Reinhardt, que procurou, a partir do exame das dez primeiras prédicas, consagradas à festividade do apóstolo S. André, averiguar o lugar ocupado pela Bíblia nos sermões de Fr. Paio, a relação entre a exegese bíblica e a pregação neste autor, e ainda as fontes exegéticas dos seus *Sermones*³⁰. Já o segundo artigo, da autoria de Geraldo Coelho Dias, incidiu sobre a análise da presença do Antigo Testamento no sermônário do dominicano, a partir do escrutínio das suas cinquenta primeiras prédicas³¹.

Os anos 90 revelar-se-iam igualmente prolíficos no que disse respeito à

²⁵ Mário Martins, *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1979).

²⁶ John G. Tuthill, "The sermons of Brother Paio: thirteenth century Dominican preacher, (Sermons in latin text)" (PhD thesis, University of California, 1982).

²⁷ John G. Tuthill, "Fr. Paio's Sermons on the Virgin Mary", in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, vol. 2 (Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1981), 193-204.

²⁸ John G. Tuthill, "The school sermon Exported: the case of Pelagius Parvus" in *Viator. Medieval and Renaissance studies*, ed. Matthew Fisher (California: University of California, 1991), 169-188.

²⁹ John G. Tuthill, "Fr. Paio and his 406 sermons" in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, (Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984), 347-360.

³⁰ Klaus Reinhardt, "Die Sermones von Fray Paio de Coimbra OP (ca. 1250) im Lichte der Biblischen Exegese seiner Zeit" in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, (Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984), 365-372.

³¹ Geraldo A. Coelho Dias, "Os Sermões de Fr. Paio de Coimbra e o Antigo Testamento" in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, (Porto: Arquivo Histórico Doninicano Português, 1984), 381-389.

elaboração de estudos sobre o sermônario e a figura de Fr. Paio, devendo destacar-se, neste sentido a entrada consagrada ao dominicano no *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, da autoria de Aires Augusto do Nascimento,³² a dissertação de mestrado em filosofia medieval de Bernardino da Costa Marques,³³ os trabalhos de José Geraldês Freire³⁴ e de Adelino Cardoso,³⁵ e o artigo conjunto de Agostinho Figueiredo Frias e de Bernardino da Costa Marques³⁶. Importa também sublinhar que alguns dos estudos desenvolvidos por esta altura sobre a obra do dominicano, assumiram uma dimensão eminentemente comparativa face aos *Sermones* de St. António, como foi o caso dos ensaios de Maria Cândida Monteiro Pacheco,³⁷ e da dissertação de mestrado em Filosofia medieval de Agostinho Figueiredo Frias³⁸.

Já na viragem do século, a elaboração de trabalhos centrados na *Summa Sermonum* continuou a não dar sinais de abrandamento, como o demonstram os estudos da autoria de Adelino Cardoso Pereira,³⁹ de José Marques,⁴⁰ de Saul António Gomes,⁴¹ e sobretudo de Bernardino da Costa Marques, cuja tese de doutoramento, para além da edição integral em latim das prédicas de Fr. Paio, comporta o mais aprofundado trabalho desenvolvido até ao momento sobre o sermônario do dominicano⁴².

³² Aires A. Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei” in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, ed. Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani (Lisboa: Caminho, 1993), 504-506.

³³ Marques, “Sermônario de Frei Paio de Coimbra”; “Santo António de Lisboa na ‘Summa Sermonum’ de Frei Paio de Coimbra, O.P.”, *Mediaevalia*, 11-12 (1997): 183-210.

³⁴ José Geraldês Freire, “Latim Medieval II. S. Frei Paio de Coimbra (1)”, *Boletim de Estudos Clássicos*, XIII, 25 (1996), 53-62; “Latim Medieval II. ‘S. Frei Paio de Coimbra’ (2)”, *Boletim de Estudos Clássicos* 25 (1996): 65-73.

³⁵ Adelino Cardoso, “A concordância entre a natureza e a graça segundo Frei Paio de Coimbra” in *História do Pensamento Filosófico Português*, ed. Pedro Calafate, vol. 1 (Lisboa: Caminho, 1999), 505-519.

³⁶ Agostinho Figueiredo Frias e Bernardino Marques, “Theologia, scientia et ars dans les Sermones de Frater Pelagius Parvus Colimbriensis, O.P.” in *Actes du colloque ‘Le vocabulaire des écoles des Mendicants au moyen âge* (Turnhout Belgique: Brepols, 1999), 16-25.

³⁷ Maria Cândida Pacheco, “Exegese e Pregação em St. António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra” in *Actas da II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 4 (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990), 1297-1308; “Exégese et prédication chez deux auteurs portugais du XIII^{ème} Siècle: saint Antoine et Frère Pelagius” in *De l’Homélie au Sermon. Histoire de la Prédication Médiévale*, ed. J. Hamesse e X. Hermand (Lovaina: Institut d’Études Médiévales, 1993), 169-181.

³⁸ Agostinho Figueiredo Frias, “De signis pulsandis: leitura hermenêutica de Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra” (dissertação de mestrado, Universidade do Porto, 1994).

³⁹ Adelino Cardoso Pereira, “Sermão da festa da Invenção da Santa Cruz por S. Frei Paio de Coimbra” (dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 2001).

⁴⁰ José Marques, “S. Tiago na Sermônaria Medieval Portuguesa” in *Actas de las Jornadas sobre O Caminho de Santiago. Portugal na memória dos peregrinos*, ed. Humberto Baquero (Porto: Xunta de Galicia, 2001), 27-50.

⁴¹ Saul António Gomes, “A questão judaica nos autores medievais portugueses”, *Caderno de Estudos Sefarditas* 9 (2009): 93-120.

⁴² Marques, “Sermônario de Frei Paio de Coimbra”; “Fundamentação epistemológica da teologia como ciência e sabedoria na Summa Sermonum de Frei Paio, o Pequeno, da Ordem dos Frades Pregadores, Prior e Mestre do Convento de Coimbra.” in *Os dominicanos em Portugal (1216-2016): Estudos de história religiosa*, ed. António Gouveia, José Nunes e Paulo de Oliveira Fontes (Lisboa: Centro de

Não obstante o amplo *corpus* de estudos já consagrado às obras dos dois pregadores portugueses, de que se elencaram aqui apenas alguns dos mais importantes trabalhos, constata-se que à exceção das abordagens relevantes, mas pouco mais que incipientes, realizadas por Mário Martins à temática da imagética da guerra nas duas obras em apreço, a questão encontrou-se, até ao momento, longe de merecer a devida atenção, contrariamente ao que se tem vindo a verificar em relação ao tema na restante historiografia europeia. Neste sentido, devem destacar-se, em primeiro lugar, os estudos desenvolvidos por André Vauchez que, na senda de Johann Auer,⁴³ abordou as representações bélicas enquanto *topos* literário ligado à noção de “Militia Christi” e de “Miles Christi”, um dos mais antigos temas da espiritualidade cristã, dado a especial importância durante a Idade Média Central⁴⁴. A questão viu-se mais recentemente recuperada e aprofundada por outros autores, como John Hosler que, numa obra sobre a guerra em João de Salisbúria, para além de se ter debruçado sobre as disposições do pensador cristão ducentista em relação à *praxis* bélica no ***Policraticus*** e no ***Meta-logicon***, procurou igualmente explorar nas mesmas obras aquilo a que chamou de “guerra metafórica”⁴⁵. Já Katherine Allen Smith, abordou a imagética da guerra a partir de um conjunto de textos monásticos e litúrgicos, como sermões, cartas e hagiografias dos séculos XII e XIII, com o objetivo de mostrar como esta “retórica militar” refletiu ou contribuiu para enformar identidades religiosas ou de género, tendo igualmente procurado identificar padrões retóricos e a sua ligação com as principais questões do tempo dos autores⁴⁶. A existência destes e de muitos outros estudos já desenvolvidos sobre a imagética bélica nas obras de intelectuais contemporâneos de St. António e de Fr. Paio, possibilitará aferir, entre outros aspetos, a recorrência de certos temas militares identificáveis nos sermonários dos dois mendicantes portugueses, noutra literatura cristã coeva.

Estudos de História Religiosa, 2018), 97-106.

⁴³ Johann Auer, “Militia Christi” in *Dictionnaire de Spiritualité*, ed. André Derville, Paul Lamarque e Aimé Solignac, t. 9 (Paris: Beauchesne, 1976), 1210-1223.

⁴⁴ André Vauchez, *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII a XIII)* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994); “La notion de Miles Christi dans la spiritualité occidentale aux XII^e et XIII^e siècles” in *Chevalerie et Christianisme aux XII^e et XIII^e siècles*, ed. Martin Aurell e Catalina Girbea (Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2011), 67-75.

⁴⁵ John D. Hosler, *John of Salisbury. Military Authority of the Twelfth-Century Renaissance* (Leiden-Boston: Brill, 2013).

⁴⁶ Katherine Allen Smith, *War and the Making of Medieval Monastic Culture* (Woodbridge: The Boydell Press, 2013); “Spiritual Warriors in Citadels of Faith: Martiam Rhetoric and Monastic Masculinity in the Long Twelfth Century” in *Negotiating Clerical Identities. Priests, Monks and Masculinity in the Middle Ages*, ed. Jennifer D. Thibodeaux (Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010), 86-110.

6. Estruturação provisória

Especificados assim o objecto, os objectivos, os aspectos metodológicos, as fontes e respectivas edições utilizadas, bem como alguns dos mais relevantes ensaios já desenvolvidos sobre os sermonários e sobre o tema específico das representações bélicas, cabem, por último, algumas considerações sobre a estruturação formal deste estudo, que se dividirá em duas partes principais. Partindo da premissa bem conhecida de que todos os textos – e em especial os literários – conservam marcas estruturais e temáticas do contexto da sua produção, consagrar-se-á uma primeira parte da dissertação ao enquadramento dos autores e dos seus sermonários na conjuntura que os viu nascer, bem como às questões fundamentais da datação, estrutura, forma e funcionalidades das peças.

Esta primeira parte (*Cláusula I*) de cariz mais contextualizante, que antecede o estudo das representações bélicas propriamente ditas, desdobra-se assim em dois capítulos, o primeiro dos quais dedicado à exposição dos traços conjunturais da Europa e do reino de Portugal na viragem do século XII-XIII, correspondente ao tempo em que viveram e elaboraram os seus sermonários St. António e Fr. Paio. Um período plenamente enquadrado dentro da mais ampla Idade Média Plena ou Central, atravessada por uma vaga de prosperidade e de revitalização de que surgiu como expressão mais acentuada o chamado renascimento cultural do século XII, que se fez acompanhar também na esfera do religioso por um reavivamento da espiritualidade, na origem do surto mendicante. Neste primeiro momento comparar-se-ão sumariamente, nas suas origens, primeiros desenvolvimentos, e lógicas de expansão e de implantação, a Ordem dos Frades Menores e a Ordem dos Pregadores, e abordar-se-ão nos mesmos termos o impacto político, económico, social e cultural das duas congregações sobre o ocidente europeu e, mais localizadamente, sobre o reino de Portugal onde, à semelhança do que se verificou por toda a Cristandade, franciscanos e dominicanos se envolveram activamente na vida política e social do reino; criaram escolas nas dependências dos mosteiros por si fundados, com o objectivo de colocarem o estudo e o saber ao serviço da missão evangélica e apostólica; encontraram entre agostinhos e cistercienses figuras que se destacavam pelos seus conhecimentos (algumas das quais viriam mesmo a tornar-se modelares dentro das duas ordens); e, não menos importante, deixaram vasta produção cultural, de entre a qual se atribuirá forçosamente especial destaque à pré-dica, pelo lugar central que ocupou para os mendicantes, e pela importância que o género assume também para este estudo.

No segundo capítulo, procurar-se-á, com efeito, introduzir a sermonística como uma expressão literária com características *sui generis*, e abordar as principais linhas de força que definiam o ofício do pregador no início do século XIII, de modo a aferir a conformidade dos autores e das obras deste estudo face a estas tendências gerais mais vastas do universo cultural medieval. Não sendo intenção deste estudo repetir exaustivamente os já bem conhecidos dados das vidas de St. António e de Fr. Paio, procurar-se-á, ainda assim, expor em linhas gerais, e numa perspetiva comparativa, alguns apontamentos biográficos sobre os dois pregadores, bem como as fontes que permitem conhecê-los, à maneira de preâmbulo para a caracterização das peças que compõem. Neste particular, a intenção será sobretudo a de expor numa perspetiva comparada aspetos fundamentais dos dois sermonários, como a sua datação, estrutura, forma, fontes e funcionalidades ou objetivos.

Já a segunda parte deste estudo (*Clausula II*), incidirá sobre as representações bélicas propriamente ditas, e desdobrar-se-á em cinco capítulos. Justifica-se, antes de mais, começar esta segunda parte com uma pequena exposição sobre o tema da guerra espiritual, ou *Psicomaquia*, na tradição literária cristã. Por sua vez, no segundo capítulo, expõem-se as fontes a partir das quais estes motivos se viram extraídos, desde a Sagrada Escritura, a peças hagiográficas, a experiências circunstantes dos autores. Num terceiro momento, abordam-se os constructos bélicos identificados nos dois sermonários do ponto de vista da comunicação, questionando-se a sua popularidade na cristandade do período, bem como o impacto esperado desta imagética sobre o público recetor. Os últimos três capítulos incidem, respetivamente, sobre as manifestações ideológicas, simbólicas e emocionais veiculadas através desta imagética. Seguem-se, finalmente, a suma de conclusões (*Clausio*), as referências bibliográficas, os anexos e os índices (geral e remissivo).

7. Apêndices: Quadros sinópticos – Estrutura preliminar

7.1. Sermonário de St. António de Lisboa:

N.º	Sermão	Exórdio/Cláusulas	Citação		
42	XVII Domingo depois do Pentecostes	Exórdio. O pregador e as suas armas	I	1Mac 3, 2-4.	<p>1. In illo tempore: <i>Cum intraret Iesus in domum cuiusdam principis pharisaeorum sabbato manducare panem, et ipsi observabant eum.</i> Dicitur in primo libro Machabaeorum (I), quod Iudas Machabaeus induit se lorica[m] ut gigas, et succinxit se arma bellica in proeliis, e protegebat castra gladio suo. Similis factus est leoni in operibus suis, e sicut catulus leonis rugiens in venatione. “Iudas interpretatur glorificans”, ‘Machabaeus, protegens vel percutiens’ et significat praedicatorem, qui haec tria debet facere, scilicet glorificare Deum, protegere proximum, percutere diabolum. Hic debet se induere lorica[m], ut gigas. Nota ista duo: gigas et lorica[m]. In gigante constantia, in lorica designatur patientia, quae duo praedicatori valde sunt necessaria, ut, cum loquitur, sit constans, cum contra eum canes latrant, sit patiens. Debet enim ‘exultare ut gigas ad currendam viam’. Unde Job (II) de ipso dicit: <i>Exultat audacter et in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio.</i> Et sic a summo caelo “empyreo, idest igneo”, idest caritate, erit <i>egressio eius</i> ad percutiendum diabolum, qui habitat in corde peccatoris; et tunc necessaria est ei patientiae lorica. (III) “Lorica vocata, eo quod loris careat, solis enim circulis ferreis contexta est”. Sic vera patientia non loris humani favoris et timoris circumligatur, sed solis vinculis inflexibilis caritatis contextitur. Ficta vero patientia, plus mundi verecundia vel timore, quam Dei amore, timet illatam iniuriam vindicare.</p> <p>Sequitur: <i>Et succinxit se arma bellica</i>, de quibus dicit Apostolus (IV): <i>State succincti lumbos vestros in veritate, calceati pedes Praeparatione evangelii pacis, in omnibus sumentes scutum fidei, in quo possitis omnia tela nequissimi ignea extinguere; et galeam salutis assumite.</i></p> <p>Et protegebat castra gladio suo, ‘idest verbo Dei’ sibi credito; quo animas fidelium a tribus debet protegere, scilicet ardore solis, idest tentatione carnis, tempestate fulguris, idest mundanae adversitatis, incursu hostis, idest daemonis.</p>
			II	Job 39, 21-22.	
			III	ISID., Ety[m]. XVIII, 13, 1, PL 82, 649.	
			IV	Ef. 6, 14-17.	
					<p>1. Naquele tempo, entrando Jesus um sábado em casa dum dos príncipes dos fariseus a tomar o pão, eles o estavam ali observando.</p> <p>Diz-se no primeiro livro dos Macabeus (I) que <i>Judas Macabeu se revestiu de couraça como um gigante, se cingiu com as suas armas bélicas para combater, e protegia todo o acampamento com a sua espada. Tornou-se semelhante a um leão nas suas ações, e a um leãozinho que ruge sobre a presa.</i> Judas interpreta-se o que glorifica; Macabeu, o que protege ou fere. Significa o pregador, que deve glorificar a Deus, proteger o próximo e ferir o diabo. Deve revestir-se da couraça como um gigante. Observem-se as palavras gigante e couraça. O gigante designa a constância, a couraça a paciência, virtudes muito necessárias ao pregador, para que seja constante quando fala, e seja paciente quando ladrão os cães contra ele. Deve, pois, exultar como o gigante para percorrer o caminho. Por isso, Job (II) dele mesmo diz: <i>Salta com brio, corre ao encontro dos armados. Despreza o medo, não cede à espada.</i> E assim a sua saída é desde o sumo céu empireo ou de fogo, símbolo da caridade. Sai para ferir o diabo, que habita no coração do pecador; e então é-lhe necessária a couraça da paciência. (III) Couraça, no étimo latino, significa falta de correias, pois a couraça é só feita de círculos de ferro. Assim, a verdadeira paciência não se prende com as correias do favor humano e do medo, mas é entretecida só pelos vínculos da inflexível caridade. Porém, a paciência fingida, mais por vergonha ou medo do mundo do que por amor de Deus, teme vingar a injúria recebida. Segue: <i>E cingiu-se de armas bélicas.</i> Delas escreve o Apóstolo (IV): <i>Estai firmes, tendo cingido os vossos rins com a verdade, e tendo os pés calçados para ir anunciar o Evangelho da paz; em todas as coisas tomai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do maligno; tomai o elmo da salvação. E protegia o acampamento com a sua espada.</i> A espada é a palavra de Deus, que lhe foi confiada. Esta palavra deve proteger as almas dos fiéis de três coisas: do ardor do sol, isto é, da tentação da carne; da tempestate do trovão, isto é, da adversidade do mundo; da incursão do inimigo, isto é, do demónio.</p>

7.2. Sermonário de Fr. Paio de Coimbra:

N.º	Sermão	Tema	Citação		Interpretação
2	2º Sermão da festividade de S. André, Apóstolo	O mandato da pregação [<i>Predicatorum genera</i>]	I	1Reis 29:9	<p>Secundi tolerandi. Luc IX, [f, 49-50]: <i>preceptor uidimus quemdam in nomine tuo eicientem demonia, etc. [et prohibuimus eum, quia non sequitur nobiscum. Et ait ad illum Iesus: Nolite prohibere, qui enim non est aduersum vos,] usque pro uobis est.</i></p> <p>Tercii secundum leges aborrendi uel aliter occidendi, sicut fecit Saul, 1º Reg XXVIII, c, [9]: (I) Ecce tu nosti, etc. [quanta fecerit Saul, et quomodo eraserit magos et ariolos] usque de terra. Ibi enim dicitur quod saul errasit magos et ariolos de terra; et Iheu, III Reg X, d, [18-28]: (II) Congregauit ergo Iheu, etc. [omnem populum et dixit ad eos: Ahab coluit Baal parum, ego autem colam eum amplius. Nunc igitur omnes prophetas Baal, et universos seruos eius et cunctos sacerdotes ipsius, uocare ad me; nullus sit qui non ueniat, sacrificium enim grande est mihi Baal; quicumque defuerit non uivet. Porro Hieu faciebat hoc insidiosae, ut disperderet cultores Baal. Et dixit: Sanctificate diem sollempnem Baal. Vocauitque, et misit in universos terminos Israhel, et uenerunt cuncti serui Baal; non fuit residuus ne unus quidem qui non ueniret. Et ingressi sunt templum Baal; et repleta est domus Baal a summo usque ad summum. Dixitque hiis qui erant super vestes: Proferte uerimenta uersis seruis Baal. Et protulerunt eis vestes. Ingressusque Hieu et Ionadab, filius Rechab, templum Baal, ait cultoribus Baal: Perquirite et uidete, ne quis forte uobiscum sit de seruis Domini, sed ut sint serui Baal soli. Ingressi sunt igitur ut facerent uictimas et holocausta. Hieu autem preparauerat sibi foris octoginta uiros, et dixerat eis: Quicumque fuerit de hominibus his quos ego adduxero in manus uestras, anima eius erit pro anima illius. Factum est ergo cum completum esset holocaustum, praecepit Hieu militibus et ducibus suis: Ingredimini, et percutite eos, nullus euehat. Percusseruntque eos in ore gladii, et proiecerunt milites et duces. Et ierunt in ciuitatem templi Baal. Et protulerunt statuam in fano Baal, et conbusserunt, et comminuerunt eam. Destruxerunt quoque aedem Baal, et fecerunt pro ea latrinas usque in diem hanc.] usque Deleuit itaque Ieu Baal. III Reg XVIII, g, [40-41]: (III) Dixitque ad eos helyas, etc. [Adprehendite prophetas Baal, et ne unus quidem effugiat ex eis. Quos cum apprehendissent, duxit eos Helyas ad torrentem Cison, et interfecit eos ibi.] usque Et ait Helyas ad Hason. Deu XIII per totum satis agitur de hac materia. Versus: (IV) «Si prauum loqueris, heresim crimenque fateris. Contaminandus eris, nam lex iubet ut lapidaris».</p>
			II	4Reis 10:18-28	
			III	3Reis 18: 40-41	
			IV	Deut 13	